



TAXAS DE JURO

# Powell prepara quatro subidas de juros este ano

O novo presidente da Reserva Federal dos EUA deverá adoptar um discurso mais agressivo e preparar os investidores para uma subida de juros por trimestre, este ano. Investidores estarão ainda atentos às expectativas de crescimento para a economia.

**PATRÍCIA ABREU**  
pabreu@negocios.pt

A estreia de Jerome Powell à frente de uma reunião com o Comité de Governadores deverá coincidir com a primeira subida de juros da Reserva Federal dos EUA, em 2018. Os economistas acreditam que o novo presidente do banco central dos EUA vai preparar os investidores para mais três subidas da taxa dos fundos federais, este ano.

O Comité Federal do Mercado Aberto (FOMC) deverá aprovar esta quarta-feira uma subida de 25 pontos base da sua taxa de referência para um intervalo entre 1,50% e 1,75%. Esta mexida é amplamente esperada pelo mercado, com os investidores focados nas palavras de Powell e nas indicações de futuros agravamentos dos juros no país. E a expectativa é que o responsável endureça o discurso.

“A nossa visão é que a Fed vai subir as taxas de juro quatro vezes este ano e mais duas no próximo ano”, antecipa a Pictet. A gestora de activos realça que a instituição deverá tentar reajustar as expectativas do mercado, contrariando a ideia de que uma rotina de uma subida por trimestre é elevada.

A consultora Ebury também prevê uma revisão em alta das expectativas de subidas futuras. O gráfico “dot plot” de Dezembro do Comité FOMC “mostra que estes responsáveis antecipam uma média de três subidas dos juros nos EUA, este ano. Consideramos que existe uma probabilidade razoável de que os factores de melhoria das perspectivas, acima indicados, po-



O presidente da Fed poderá assumir um tom mais agressivo na reunião do banco central norte-americano esta quarta-feira.

derão implicar uma revisão em alta desta média para quatro aumentos das taxas em 2018, com a antecipação de três ou quatro subidas em 2019”, defende a Ebury.

O novo presidente da Reserva Federal (Fed) adiantou, num discurso perante o Congresso, que a melhor forma de responder à actual conjuntura é prosseguir com uma política de subida gradual dos juros nos EUA. Powell adiantou que prevê “que a inflação numa base a 12 meses suba, este ano, e estabilize em torno do objectivo da Fed de 2% no médio prazo”.

O índice de preços no consumidor nos EUA, a par da economia e do mercado laboral, está a recu-

perar, dando margem à entidade para prosseguir com a normalização da política monetária no país. “A robustez continuada da economia dos EUA leva-nos a acreditar que se justifica uma postura mais ‘hawkish’ por parte da Fed”, argumenta Franck Dixmier.

“Em resultado, esperamos que o banco central actualize em alta a sua perspectiva para o crescimento e confirme a sua confiança na tendência para a inflação subjacente. Isto pode empurrar marginalmente para cima os ‘dots’, enquanto os membros do FOMC ajustam as suas expectativas para a trajectória de subida dos juros”, remata o responsável

global de dívida da Allianz GI.

Florian Hense, economista do Berenberg, também acredita que “a reunião de Março vai ser crítica e vai provavelmente levar os mercados a ajustarem-se a um ritmo de subida mais elevado”. O especialista adianta que são possíveis quatro mexidas nos juros, o que a acontecer, irá manter “a política monetária da Fed acomodativa, especialmente tendo em conta o ainda elevado balanço da Fed”.

Para a BlackRock, além das expectativas de subidas em 2018 – antecipa mais duas ou três subidas este ano –, é preciso perceber as orientações futuras da Fed. “A atenção está a voltar-se para as



# “Spread” do país face aos EUA em mínimos

**A taxa de juro de Portugal quebrou, pela primeira vez desde Abril de 2015, a barreira de 1,7%.**

Tasos Katopodis/EPA

A taxa de juro associada à dívida de Portugal a 10 anos esteve a descer 3,7 pontos base para 1,705%, tendo chegado a tocar nos 1,697%. É assim a primeira vez desde Abril de 2015 que a “yield” da dívida a 10 anos negocia abaixo da barreira dos 1,7%. O “spread” também esteve a recuar. Face aos EUA, há quase 20 anos que o prémio de risco não era tão baixo.

Os juros de Portugal continuam a marcar mínimos no que toca ao seu “spread”. A diferença dos juros a 10 anos face às “bunds” alemãs é a mais baixa desde Abril de 2010, assim como face aos juros franceses.

Surpreendente é a diferença face à dívida americana. Há quase 20 anos que o prémio de risco não era tão baixo. Com a taxa de juro a 10 anos a subir 1,1 pontos base para 2,8665%, Portugal está com uma taxa em mais de 100 pontos base mais baixa. Esta é a maior diferença desde Junho de 1999.

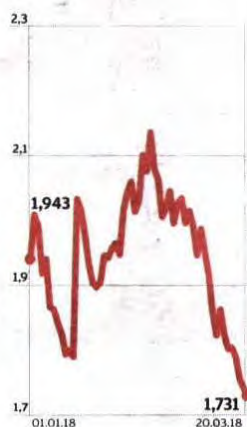
A contribuir para este aumento do diferencial de juros estão vários factores. Destaca-se o facto de a Reserva Federal (Fed) dos EUA estar num ciclo de subidas de juros. E ainda que se espere que seja anunciado mais um aumento de 25 pontos base no preço do dinheiro americano, os investidores continuam a especular sobre um acelerar do ritmo de aumento de juros nos EUA.

Este é um dos factores que impulsionam os juros. Especialmente porque na Zona Euro a perspectiva é de manutenção da política monetária por mais tempo. A taxa de juro aplicada pelo BCE está em 0% e o programa de compra de dívida vai manter-se em 30 mil

## JUROS EM MÍNIMOS DE 2015

Evolução da taxa a 10 anos em %

A taxa de referência a dez anos de Portugal baixou esta terça-feira a barreira dos 1,7% pela primeira vez desde Abril de 2015. A “yield” encerrou a recuar 1,1 pontos base para 1,731%, na véspera do anúncio da primeira subida de juros do ano nos EUA.



Fonte: Bloomberg

milhões de euros pelo menos até Setembro.

A contribuir para a divergência entre as taxas de juro nos EUA e na Zona Euro está também a guerra comercial, que tem ditado alguma apreensão dos investidores e contribuído para uma subida dos juros do país. O elevado endividamento dos EUA e as tensões políticas entre os EUA e outros países, como a Coreia do Norte, bem como as tensões políticas no seio da administração Trump também têm ajudado nesta subida das taxas no mercado internacional. ■

SARA ANTUNES

## REGULAÇÃO

# Cotadas já têm novo Código de Governo das Sociedades

**A monitorização, o acompanhamento e a revisão do código ficarão a cargo do IPCG, AEM e Euronext Lisbon.**

Exactamente dois anos depois de ter sido anunciado o acordo entre a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) e o Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), o modelo de auto-regulação no governo das sociedades já está em vigor. O processo de transição está concluído e o novo código tem como data de referência para a entrada em vigor o dia 1 de Janeiro de 2018.

As empresas cotadas regem-se agora pelo Código de Governo das Sociedades do IPCG e que substitui o da CMVM. Em Outubro, tinha sido assinado um protocolo relativo ao processo de transição para este modelo de auto-regulação. E esta segunda-feira, 19 de Março, foi anunciado que este processo de transição está já concluído.

Faltava aprovar o modelo de monitorização, o que já aconteceu. E este modelo resulta do protocolo assinado entre o IPCG e a Associação de Empresas Emitentes de Valores Cotados em Mercado (AEM) e o pe-

ra a “plena entrada em vigor” do código “por referência a 1 de Janeiro de 2018”, revela a CMVM.

Este sistema de monitorização, acompanhamento e revisão do Código de Governo das Sociedades IPCG 2018 resulta, assim, do acordo entre o IPCG, a AEM e a Euronext Lisbon. Foi constituída a Comissão de Acompanhamento e Monitorização do Código de Governo que terá como principais funções divulgar o código junto dos agentes relevantes do mercado de capitais nacionais e internacionais e promover a revisão do código “tendo em consideração a realidade apurada na monitorização, alterações na lei e a dinâmica internacional de evolução das melhores práticas de governo societário”.

A Comissão de Acompanhamento e Monitorização do Código de Governo das Sociedades do IPCG será, no seu primeiro mandato, composta por Pedro Maia (presidente), Alexandre Lucena e Vale, Ana Perestrelo, Carlos Gomes da Silva, Isabel Ucha, José Gonçalves Maury, José Veiga Sarmento e Paulo Câmara. O mandato será de quatro anos, renovável uma vez.

“Na conclusão desta relevante etapa, a CMVM congratula-se com o resultado, desejando que a autonomia assim alcançada pelos agentes envolvidos seja colocada ao serviço dos investidores e do mercado”, conclui o regulador. O IPCG reitera “o seu empenho em promover a observância prática dos princípios de bom governo das sociedades e em dialogar, de forma permanente e construtiva, com todos os agentes do mercado”, revela António Gomes Mota, presidente do IPCG, em comunicado. ■

RAQUEL GODINHO



**A CMVM congratula-se com o resultado, desejando que a autonomia assim alcançada pelos agentes envolvidos seja colocada ao serviço do mercado.**

CMVM

‘dots’ para 2019 e 2020”, um período para o qual ainda há pouca visibilidade em relação a mexidas na taxa dos fundos federais.

## Previsão para economia revista em alta

A instituição deverá ainda divulgar novas estimativas para a economia e para a inflação. Em relação à expectativa de evolução dos preços a Pictet não espera alterações. Já a previsão para o PIB deverá aumentar. “Está agora claro que a estimativa de crescimento para 2018 de 2,5%, divulgada em Dezembro, é demasiado baixa dada a sólida dinâmica da economia”, aponta a Pictet. ■